

A CRIANÇA EM WALTER BENJAMIN E FLORESTAN FERNANDES

FLORES, Zilá Gomes de Moraes - UNIJUÍ

GT: Educação de Crianças de 0 a 6 anos/ n.07

Agência Financiadora: Não contou com financiamento.

Na atualidade muitos pesquisadores já comprovaram que os diferentes discursos constituem novas formas de ver a infância e as crianças. Aproximar Walter Benjamin e Florestan Fernandes é possível na medida em que seus discursos se entrecruzam, tornam-se o *médium*¹ de um mesmo objetivo, *a criança como sujeito cultural*. Busco socializar algumas considerações acerca da infância e do brincar. Este trabalho é fruto de uma pesquisa em desenvolvimento, cuja temática central é apresentar algumas reflexões sobre o brincar da criança, a partir do olhar de Benjamin e Fernandes.

Considerar os artefatos culturais utilizados por Benjamin, os *objetos da criança* (livros, brinquedos, jogos) na retomada da sua infância e as observações dos grupos infantis e as falas das crianças realizadas por Florestan propiciam a aproximação. Utilizar o viés da pesquisa etnográfica nos possibilita perceber as concepções de criança e o lugar da infância, evidenciando suas produções como produção cultural ao olhar *a* criança e não somente *sobre* a criança.

A CRIANÇA E O BRINCAR²

O sujeito infantil, também sujeito lúdico, tem sua constituição e sua significação nas práticas culturais; logo, ele é resultado da construção histórica e cultural da sociedade em que (con)vive. O brinquedo é um dos objetos culturalmente produzidos, devido a isso, a criança, muitas vezes, “retira” deste a marca registrada da fábrica, para assim poder registrar a sua própria marca, revalorizando-o e ressignificando-o.

Para Benjamin, a criança desmonta o brinquedo para se apoderar dele, assim vê além do aparente, estabelece uma relação íntima, afetiva e de aproximação com o mesmo. Este é o lado épico da brincadeira, a ressignificação das partes. As crianças têm interesse pelos retalhos, cacos e pedaços, “reconhecem nos restos o rosto que o mundo das coisas lhes mostra [...]” (BENJAMIN, 1992, p. 46).

O mesmo autor, ao falar das crianças, não o faz de forma *romântica*, entende-as como alguém que está na *história*, inserida numa classe *social*, parte da cultura e

¹ Para BENJAMIN médium é o lugar em que *está o*, e não simplesmente o meio entre as partes, é o imediato, a magia (o âmbito da comunhão) da participação onde se tem a distância.

² Utilizo o termo Brincar sem distinção, como a ação da criança, seja ela jogo, brinquedo ou brincadeira.

produzindo *cultura*. Considera a linguagem como algo mais expressivo do que a própria subjetividade³. Esta permite que num só indivíduo, toda cultura e história de uma época apareçam. Solange Jobim e Souza (2003) argumenta que:

Ao negarmos uma compreensão da criança que a desqualifica como alguém incompleto, quer dizer, alguém que se constitui num *vir-a-ser* distante no futuro, privilegiamos situá-la no espaço em que o tempo se entrecruza entre presente, passado e futuro... a criança não se constitui no amanhã: ela é o hoje, no seu presente, um ser que participa da construção da história e da cultura de seu tempo (2003, p. 159).

Os estudos de Fernandes (2004) vêm ao encontro desta afirmação, negando o discurso vigente, pelo qual era imposto à criança o modo de pensar do adulto, ou seja “[...] tendem em última palavra, a desenvolver no indivíduo o ‘ser social’, impondo aos imaturos modos de ver, de sentir e de agir” (FERNANDES, 2004, p. 219). Roger Bastide faz as seguintes considerações em relação as *trocinhas* do Bom Retiro⁴:

Quem somos nós, para as crianças que brincam ao nosso redor, se não sombras? Elas nos cercam, chocam contra nós; respondem às nossas perguntas, num tom de condescendência, quando fingimos interessar-nos por suas atividades; mas sentem-se perfeitamente, que para elas, somos como os móveis da casa, parte do cosmo exterior, não pertencemos a seu mundo, que tem seus prazeres e seus sofrimentos[...] (BASTIDE, 1961).

Fernandes, ao observar o mundo infantil, percebe a existência de uma cultura infantil, que é constituída por elementos exclusivos das crianças caracterizados pela natureza lúdica, cujo suporte social está no grupo infantil em que a criança se apropria, pela interação, dos diversos aspectos do folclore infantil. Questiona sobre a origem desses elementos da cultura infantil, e acredita que na grande maioria são “[...] elementos da cultura adulta, incorporados à infantil por um processo de aceitação e nela mantidos com o correr do tempo... são restos de romances velhos, hoje transformados em jogos cênicos” (FERNANDES, 2004 p. 215).

A existência do mundo adulto permeando o mundo infantil não é novidade. O que interessa, nesta abordagem, é a possibilidade de a criança (re)elaborar situações

³ Para aprofundar essa questão, ver BENJAMIN, Walter. **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Lisboa: Relógio D’Água, 1992 a

⁴ As trocinhas eram grupos infantis que se reuniam fora do ambiente escolar, formados pela vizinhança. Sobre BASTIDE ver nota explicativa do livro FERNANDES, Florestan. **Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo**. Martins Fontes, p. 195.

vividas através do brincar, muitas relacionadas com aspectos da vida adulta. A criança é essencialmente lúdica, utiliza o brincar como um *aprendizado sociocultural*, ao produzir seus próprios brinquedos, registra neles suas histórias e a história de suas famílias. Esse desejo de conhecer justifica seu grande interesse pelos restos da história.

O brincar é um indicativo revelador de culturas, sua análise permitirá ou não que os traços culturais da sociedade em questão sejam evidenciados. Sendo a criança sujeito cultural, o seu brinquedo tem as marcas do real e do imaginário vividos por ela, e “A brincadeira pode ser considerada uma forma de interpretação dos significados contidos nos brinquedos” (BROUGÈRE, 1997 p. 8). O mundo infantil é marcado pela história, é constituído pelas relações que estabelece com as gerações precedentes. As práticas culturais relacionadas com o lúdico são tidas como:

[...]espaços no interior dos quais os indivíduos compreendem a si e ao mundo[...] Os brinquedos, enquanto elementos da vida social que se configuram determinados sentidos para as crianças, oferecem oportunidades para que elas percebam a si e aos outros como sujeitos que fazem parte do mundo social, e acabam por se constituir em estratégias através das quais os diferentes grupos sociais usam a representação para fixar a sua identidade e a dos outros (BUJES, 2000, p. 226 e 227).

O olhar etnográfico sobre o mundo infantil permite conhecer e compreender o brincar, possibilitando ao pesquisador entender as relações estabelecidas nesse momento distinto do grupo infantil, pois “O interessante, para nós, é que se trata, exatamente, do aspecto da socialização elaborando no seio dos próprios grupos infantis, ou seja: a educação da criança, entre as crianças e pelas crianças” (FERNANDES, 2004, p. 219).

Benjamin acredita que o brinquedo é um *confronto* entre a criança e o adulto, muito mais do adulto do que da criança. O autor afirma isto a partir da seguinte premissa: “pois de quem a criança recebe primeiramente seus brinquedos se não deles?” (BENJAMIN, 1984, p. 72). Resta, assim, para a criança usar de sua imaginação e transformar todo e qualquer objeto em brinquedo - primeiro projeto arquitetado pela criança para se tornar outro -, sendo possível compreender por que razão é correlativo às transformações profundas da personalidade.

Nos dias de hoje o mercado brinquedista atende a todas as demandas, das bonecas bebês, para as meninas serem mães, até as bonecas *top models*, que marcam o padrão de beleza e estilo de roupas aceitáveis aos olhos da sociedade, ou para que a criança

tenha uma amiga do seu tamanho para “passear com você” ou “juntas eu e você”⁵. BENJAMIN (1984, p. 75) questiona o mercado brinquedista da sua época, considerando que a produção de brinquedos é *para* as crianças e não como criação *das* próprias crianças. O autor afirma que:

[...] o humor subalterno, como expressão daquela insegurança da qual o burguês não consegue livrar-se ao relacionar-se com crianças, aparece no brinquedo com os grandes formatos. As ridículas distorções para as dimensões maiores, mais largas, afirmam-se sobretudo como consequência de uma jovialidade nascida da consciência de culpa.

O brinquedo, como objeto de consumo, acaba por incorporar os conhecimentos sobre a criança e suas representações que circulam na sociedade. Assim como Florestan e Benjamin, acredito que a criança ao brincar não pensa nas intenções do adulto com aquele brinquedo, brincadeira ou jogo, ela *está* no brincar e *é* o brincar.

A faculdade mimética, segundo Benjamin, é tão importante para a criança, pois, quando ela brinca, “[...] não só a fazer de comerciante ou de professor, mas também de moinho de vento ou um comboio” (1992, p. 59), reorganiza o brincar no imaginário sem perder a utilidade real do objeto, assim as cadeiras que ora são um trem, logo a seguir voltam a ser cadeiras. O mesmo autor afirma, ainda, que existe uma “[...] lei fundamental que, antes de todas as regras ou leis particulares rege a totalidade do mundo do brinquedo: A Lei da repetição” (1984, p.74), ou seja, para a criança a repetição é o cerne do jogo, cada vez que joga ou ouve uma história é como se fosse a primeira vez, precisa ouvir e brincar centenas de vezes, vivencia todas essas repetições, saboreando cada momento como se fosse único, renovando a experiência daquele instante, como o adulto que relata situações vividas e, depois disso, sente um profundo alívio. Afinal, muitos “*Joãozinhos*” continuam a brincar de “*fazendinha*” tendo como brinquedos os “*ossinhos*” que em um ontem não muito distante, foram parte do alimento em seu prato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTIDE, Roger. Nota explicativa. In: FERNANDES, Florestan. **Folclore e Mudança Social na cidade de São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

⁵ Conforme propaganda de uma boneca, amplamente veiculada na televisão.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a cultura**. Campinas: Summus, 1984.

_____. **Obras escolhidas. Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992 a

_____. **Obras escolhidas. Rua de sentido único e infância em Berlin por volta de 1900**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992b.

_____. **Obras escolhidas. Charle Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Vol. 3, São Paulo: Brasiliense, 1989.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 1997.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Criança e Brinquedo: feitos um para o outro? In: COSTA, Mariza Vorraber. **Estudos Culturais em Educação**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

FERNANDES, Florestan. **Folclore e Mudança Social na cidade de São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUZA, Solange Jobin e. **Infância e Linguagem – Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

ESQUEMA DE POSTER

TÍTULO

Autora, Instituições, e-mail

INTRODUÇÃO

Falas e Fotos das crianças

Algumas Considerações

Bibliografia